

# AS FINANÇAS DA CBF

## CBF'S FINANCES

MATIAS BARBOSA W. As finanças da CBF. *R. bras. Ci. e Mov* 2020;28(3):149-170.

**RESUMO:** este estudo analisa a gestão do futebol brasileiro, especificamente os aspectos políticos e econômicos relacionados a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Para tanto foi realizada pesquisa bibliográfica e análise documental. A revisão de literatura tratou da discussão sobre as características históricas da administração da modalidade no país, tanto pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) quanto pela CBF. Já a parte documental envolveu o exame dos relatórios financeiros publicados pela CBF no período de 2012 a 2017 e dados de empresas de consultoria sobre as finanças dos clubes futebol e outras entidades esportivas. Observou-se que o futebol brasileiro é comandado pelo mesmo grupo político há décadas. Além disso, que a entidade mesmo sendo sem fins lucrativos acumula constantes superávits, principalmente devido aos recursos de patrocínio. No que se refere à destinação dos recursos ficou evidente a concentração do gasto na CBF em detrimento ao desenvolvimento da modalidade. Assim, nota-se que o comando do futebol brasileiro é feito por um bloco de poder com poucas fissuras, com ações exitosas no mercado e que concentra os recursos arrecadados na administração da própria entidade.

**Palavras-chave:** Futebol; CBF; economia do futebol.

**Abstract:** This study analyzes the Brazilian Football Confederation (CBF). For this purpose, bibliographic research and documentary analysis were searched. The magazine version dealt with the creation of a Brazilian version for CBF. It is already an integral part of the program of CBF funding years from 2012 to 2017 and is a database on the finances of football organizations and other forms of sports. Note that Brazilian football has been run by the same political group for decades. In addition, companies participating in the investment program accumulate surplus profits, mainly due to sponsorship resources. With regard to the allocation of resources, the concentration of spending in CBF was evident to the detriment of the development of the modality. Thus, if the control of football is done by a block of power fissures, with successful actions and with the concentration of resources collected in the administration of the woman herself.

**Key words:** football; CBF; economy of football

Wagner Barbosa Matias<sup>1</sup>  
Fernando Mascarenhas<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Brasília

<sup>2</sup>Universidade de Brasília

**Recebido:** 26/06/2019

**Aceito:** 20/08/2020

## Introdução

Em cada país ou território independente a Federação Internacional de Futebol (FIFA) reconhece uma associação responsável por guardar e disseminar a prática profissional e não profissional do futebol. Essa associação é vinculada à Confederação continental e ao Comitê Olímpico do seu país. Elas são entidades de direito privado, sem fins lucrativos e possuem autonomia de funcionamento em relação aos estados-nação.

No Brasil é a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que coordena todas as ações relacionadas ao futebol, seleção brasileira e competições, e representa o país nas assembleias realizadas pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e pela FIFA.

A entidade criada em 1979 a partir da dissolução da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é a proprietária de uma das principais “marcas” do mundo: seleção brasileira de futebol, sendo sua imagem cobiçada pelas grandes empresas do mundo. A seleção adulta masculina é a única cinco vezes campeã mundial e a responsável pelo crescimento das receitas da CBF. A entidade multiplicou a arrecadação de recursos nos últimos vinte anos, saindo de uma situação deficitária, entre os anos 1980 e início dos anos 1990, para uma condição contemporânea de constantes superávits<sup>1</sup>.

Porém, em paralelo a isso não faltaram denúncias de desvios éticos e corrupção na administração do futebol brasileiro. Os fatos foram objetos de Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs), investigações das forças de segurança do Brasil e também dos EUA, tendo inclusive um dirigente preso e outro banido do futebol mundial<sup>2</sup>.

Quanto à atuação da CBF, além de administrar tudo que se refere às seleções brasileiras (masculina e feminina) em todas as categorias, a entidade também controla todo o futebol nacional, inclusive os eventos.

A entidade possui 722 clubes filiados às 27 federações, todos aptos a disputar as competições estaduais, regionais e nacionais, conforme os critérios técnicos estabelecidos nos regulamentos.

No que se refere às competições, vale salientar que ao todo a entidade realiza 13 eventos, sendo o Campeonato Brasileiro masculino com 4 divisões e a Copa do Brasil os mais importantes. Sobre isso, é importante salientar que diferentemente do que ocorre nos centros do futebol mundial em que a Associação nacional é responsável apenas pela representação do país nas competições internacionais ou, no máximo, por realizar as competições de mata-mata, no Brasil é a CBF que controla todo o calendário nacional.

Além de realizar as competições, a entidade é responsável pelo regulamento e pelo cadastro dos intermediários, pela condução da arbitragem no Brasil, pelo registro e o controle das transferências dos atletas, pela emissão do certificado do clube formador entre outras atividades.

Além disso, a entidade desenvolve alguns projetos pontuais de desenvolvimento do futebol nacional como o CBF Social – que, a partir das atividades futebolísticas, a entidade realiza ações esporádicas de conscientização social – e a CBF Academy – que foi criada em 2016 com intuito de ofertar aos atores envolvidos com o futebol cursos de formação continuada em diversos temas relacionados a modalidade.

Essas são as principais ações da entidade na atualidade, mas qual é a origem dos recursos da CBF para realizar suas atividades? Qual é o montante que a entidade arrecada anualmente? Qual é a destinação dos recursos? Quais são as prioridades?

Os aspectos expostos anteriormente ainda não foram objeto de análise pela área da Educação Física<sup>1</sup>. Sem dúvida, as principais obras são aquelas resultantes de CPIs<sup>2,3</sup>, que apesar do farto conjunto documental caracterizam pela descrição dos fatos e pelo pouco diálogo com a produção científica.

Assim, considerando o exposto acima, este estudo busca apresentar e analisar os principais aspectos econômicos relacionados a entidade que comanda o futebol brasileiro.

### Metodologia

A presente investigação trata-se de uma pesquisa social, exploratória, de cunho qualitativo, desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e análise documental<sup>4</sup>. A bibliografia consultada foi especialmente relacionada aos aspectos históricos da administração do futebol no Brasil. Para a discussão sobre os aspectos econômicos e políticos que envolvem a CBF foram utilizados diversos documentos: notícias publicadas em jornais e revistas de circulação nacional<sup>5</sup> e relatórios disponibilizados pela CBF<sup>6</sup> e por consultorias especializadas<sup>7</sup>.

O texto além desta introdução possui na sequência um tópico que apresenta a origem e o montante dos recursos arrecadados pela CBF no período de 2012 a 2017. Posteriormente, demonstramos como a entidade gasta os recursos que arrecada. Ressalta-se que a escolha desse período não é aleatória, pois, trata-se do intervalo de tempo em que consta no site da CBF os relatórios financeiros da entidade.

### Origem e montante da arrecadação da CBF

A abertura econômica no Brasil no início dos anos 1990, a conquista do Brasil da Copa do Mundo de 1994 e a atuação da direção da CBF no mercado alteram o padrão de receitas e gastos da CBF. Registra-se que a CBD passou a maior parte da sua história com problemas financeiros, inclusive em diversos momentos dependendo de recursos públicos para desenvolver suas atividades.

Afinal, apesar do reconhecimento internacional da marca seleção brasileira, com as conquistas em campo, isso não significou aumento das receitas<sup>8</sup>.

Essa realidade permanece durante os primeiros 10 anos de existência da CBF e muda completamente com as transformações no mercado brasileiro e também com a posse de Ricardo Teixeira como presidente da entidade.

A estratégia do genro de João Havelange, à época, foi distanciar da fração da burguesia estatal e se aproximar de outras frações, como industrial, serviços e financeira material esportivo, empresas telefônicas, empresas aéreas, de cartão de crédito, instituições bancárias, entre outras. Assim, diferentemente de Havelange que buscou sustentar suas ações via Estado, Teixeira procura ter no mercado o avalista para sua manutenção e o controle oligárquico do futebol brasileiro.

A impulsão das parcerias com o setor privado ocorreu a partir da conquista da seleção brasileira do mundial de 1994 e por causa dos destaques individuais dos atletas brasileiros na Europa. A primeira grande parceria ocorreu em 1996 com a empresa de material esportivo Nike. O acordo fechado com a multinacional norte-americana foi feito diretamente pelo presidente da CBF, com a parceria de José Hawilla – um antigo ator no campo do futebol que ganhava dinheiro com a intermediação de atletas e a compra e venda de direitos de transmissão de competições.

O valor do contrato foi de US\$ 160 milhões por dez anos, o maior existente no segmento naquele momento. O contrato é até hoje questionado pelos órgãos de justiça do Brasil e dos EUA e pela imprensa esportiva, pois, nos bastidores o valor foi bem superior e alimentou os negócios de Ricardo Teixeira e outros membros da CBF, bem como de José Hawilla. Além disso, o termo assinado garantia à Nike poder sobre as ações da CBF e da comissão técnica brasileira, inclusive impondo atletas nas convocações<sup>3</sup>.

Nos anos seguintes outras grandes empresas também associaram sua imagem à marca da seleção brasileira, especialmente após a conquista da Copa de 2002. Atualmente, a CBF possui nove patrocinadores (Nike, Vivo, Banco Itaú, Mastercard, Ultrafarma, Gol, Guaraná Antártica, Cimed Genéricos e EF English Live) e três parceiros (Café Três Corações, TechonGym e StatSpots).

Observa-se que todas as empresas citadas anteriormente possuem atuação no mercado internacional, ou seja, são empresas multinacionais, ainda que algumas tenham DNA brasileiro, que procuram a seleção brasileira para destinar seu excedente econômico e expandir sua marca. Assim, ao relacionar o nome (fantasia) da empresa à imagem da seleção brasileira amplia a presença da marca no imaginário social (nacional e internacional) e, quiçá, provoca aumento nos rendimentos financeiros.

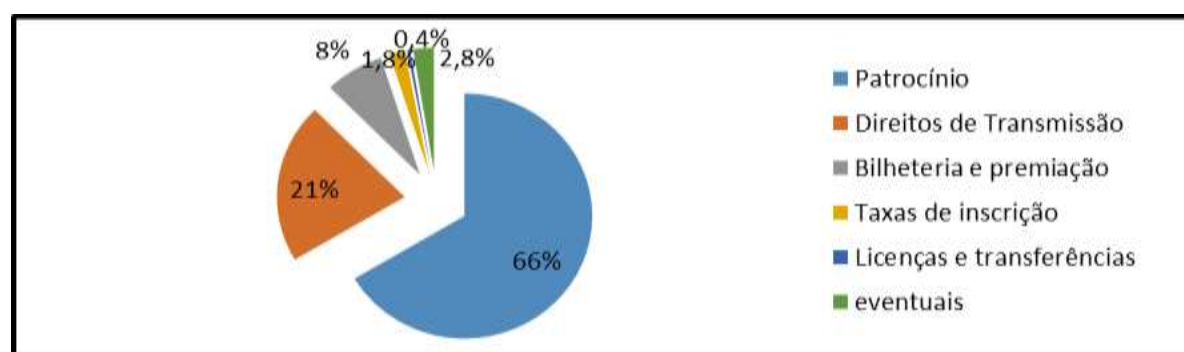
Portanto, essas empresas buscam a CBF para poder usar a imagem da seleção brasileira. Assim, diferentemente da FIFA, que possui uma competição como seu principal produto, a CBF

tem a marca seleção brasileira como a galinha dos ovos de ouro, sendo que é a partir da comercialização dela que obtém 90% de suas receitas<sup>1</sup>. Sem dúvida, como sinaliza Faria<sup>2</sup> a seleção brasileira é, sim, uma poderosa marca registrada do Brasil, um ativo presente no mercado com apelo social, sendo desejada por cartolas e grandes empresas multinacionais.

A “venda” da marca seleção brasileira para multinacionais garante a CBF 66% de toda receita bruta da entidade. O inverso do que acontece com a maioria dos clubes de futebol e com a FIFA que possui na comercialização dos direitos de transmissão a principal fonte de arrecadação. No caso da FIFA cerca de 30% é de patrocínio, 50% de direitos de transmissão e 20% de outras fontes, como hospitalidade e bilheteria<sup>1</sup>.

O gráfico 1 apresenta a distribuição percentual de cada fonte na receita bruta da CBF nos anos de 2012 a 2017, justamente o período em que constam no site da entidade os balanços financeiros. Registra-se que todos os valores que vamos trabalhar neste tópico foram corrigidos pelo IGP DI em 04/04/2018.

**Gráfico 1:** origem dos recursos da receita bruta da CBF no período de 2012 a 2017.



Fonte: Demonstrações financeiras da CBF. Elaboração do autor (2018).

O pico positivo da receita com os patrocínios ocorreu em 2016, com uma receita de R\$ 420 milhões; e a menor foi em 2012, cerca R\$ 313 milhões, sendo que entre 2012 a 2017 o valor chegou a quase R\$ 2 bilhões. Ressalta-se que no intervalo analisado, apenas em 2015 e 2017 que a arrecadação com patrocínio foi menor que o ano anterior, a queda foi motivada especialmente pela saída de patrocinadores após os escândalos envolvendo dirigentes da CBF, inclusive com a prisão de José Maria Marin. “Primeiro, Sadia, Gillette e a Seguros Unimed deixaram de patrocinar a seleção. Já em fevereiro, a fabricante de pneus Michelin abandonou o barco, rompendo o contrato de cinco anos que havia firmado com a entidade brasileira em 2014”<sup>9</sup>. Em 2016, o saldo positivo provavelmente seja em decorrência da realização dos Jogos Olímpicos no Brasil com as parcerias eventuais realizadas pela CBF.

Em 11 anos (2006 a 2017) o valor arrecadado pela entidade com patrocínio cresceu quase sete vezes. Em 2016 era R\$ 54 milhões e em 2017 foi de R\$ 353 milhões, sendo que em 2016 chegou a R\$ 410,9 milhões (valores não corrigidos). Até 2012 a Nike pagava quase o dobro da

Vivo, Itaú e Ambev para ter sua marca associada à seleção brasileira (tabela 1). Entretanto, desde 2013 não é mais possível saber os valores dos contratos de cada empresa com a CBF, pois, a entidade não divulga mais as informações.

**Tabela 1:** empresas e valores destinados a CBF em 2011 e 2012 em milhões de reais.

| <b>Empresa</b>                      | <b>2012</b> | <b>2011</b> |
|-------------------------------------|-------------|-------------|
| <b>Nike</b>                         | R\$ 61,7    | R\$ 59,4    |
| <b>Banco Itaú</b>                   | R\$ 30,1    | R\$ 27,9    |
| <b>Vivo</b>                         | R\$ 28,9    | R\$ 24,3    |
| <b>AMBEV</b>                        | R\$ 30,1    | R\$ 24      |
| <b>Marfrig Alimentos</b>            | R\$ 18,3    | R\$ 15,7    |
| <b>Globo comunicações</b>           | -           | R\$ 15,6    |
| <b>Tam</b>                          | R\$ 13,6    | R\$ 13      |
| <b>Volkswagem</b>                   | R\$ 11,0    | R\$ 10,1    |
| <b>Procter &amp; Gamble</b>         | R\$ 8,8     | R\$ 8,3     |
| <b>DCSET marketing e esporte</b>    | R\$ 11,9    | R\$ 8,0     |
| <b>Cia Brasileira Distribuidora</b> | R\$ 10,1    | R\$ 8,7     |
| <b>Parmigiani Fleurier</b>          | R\$ 1,8     | R\$ 1,9     |
| <b>Chimica Baruel</b>               | R\$ 1,9     | R\$ 1       |
| <b>Klefer produções</b>             | R\$ 0,7     | R\$ 0,6     |
| <b>Mastercard</b>                   | R\$ 6,1     | -           |
| <b>Total</b>                        | R\$ 23,5    | R\$ 219,1   |

Fonte: Demonstrações financeiras da CBF. Elaboração do autor (2018).

A ausência de informações detalhadas a partir de 2013 sobre os valores destinados por cada patrocinador da CBF nos balanços financeiros coincide com o controle absoluto de José Maria Marin sobre as contas da entidade. De qualquer modo, fica evidente pelos dados de 2011 e 2012 que a Nike é a grande parceira da entidade, inclusive, sozinha, a empresa aloca mais recursos na CBF do que aquele que a entidade consegue com bilheteria, premiação e outras, as exceções são os recursos de patrocínio e direitos de transmissão.

Registra-se que nenhum clube do futebol brasileiro conseguiu algo próximo a isso com receitas de patrocínio. A média das equipes nacionais é de 15% ao ano. O Palmeiras que teve a maior arrecadação com *marketing* em 2017, cerca de R\$ 130 milhões obteve apenas 37% daquilo que a CBF conseguiu arrecadar com a mesma fonte. Na Europa, entre os 20 com as maiores receitas apenas, o Zenit possui um percentual maior que a CBF, cerca de 74% da arrecadação do clube é de *marketing*, porém, a maior parte do recurso é do próprio dono da equipe<sup>1</sup>.

Reitera-se, portanto, que a seleção brasileira, sobretudo, a principal masculina, é o principal ativo do futebol brasileiro, uma marca internacional, com um enorme poder de atração de capital, maior inclusive do que grandes clubes do futebol nacional e internacional. A paixão dos brasileiros pelo futebol e a admiração pela seleção canarinho são exploradas pelo mercado, em seus diferentes

ramos, valorizando as marcas e criando uma identificação do torcedor com a empresa, ainda que isso não signifique a compra dos produtos.

A segunda e a terceira fontes de receita também estão diretamente relacionadas à seleção brasileira principal masculina, pois, hegemonicamente trata-se da venda dos direitos de transmissão dos amistosos da seleção brasileira e também da bilheteria e prêmios obtidos por meio dos seus jogos. Nesse aspecto, vale destacar que o principal parceiro da CBF é a Rede Globo. Como já sinalizamos em outros momentos, a emissora possui exclusividade sobre os jogos do Brasil há mais de duas décadas.

A arrecadação média com direitos de transmissão pela CBF é de R\$ 100 milhões por ano, chegando em 2016 a R\$ 117 milhões. As receitas da CBF com isso representam pouco mais da metade (51%) do que cada grande clube brasileiro consegue arrecadar com as negociações com a Rede Globo. Em 2017, representou 48% do que o Flamengo conseguiu com a mesma fonte. Em relação aos clubes europeus, a realidade também não é diferente e varia conforme o tamanho do clube.

Nota-se que, na sociedade do espetáculo, a imagem, sobretudo, da seleção brasileira rende para a CBF com patrocínios e venda de direitos de transmissão quase 90% da sua arrecadação. Isso reflete as mudanças ocorridas no modo de produção capitalista em que cresce a acumulação de capital por meio das “mercadorias imagéticas” e a valorização da marca “seleção brasileira”.

No caso da CBF isso não é maior porque em relação aos clubes a seleção brasileira possui um número infinitamente menor de jogos e competições, o que dificulta qualquer tipo de comparação. O mesmo argumento vale para a análise do percentual com as receitas de bilheteria, afinal, a CBF possui apenas os jogos amistosos para arrecadar com essa fonte. Ainda assim, foram R\$ 222 milhões de 2012 a 2017, muito em função dos valores elevados dos ingressos dos jogos. Em outubro de 2017, a inteira mais barata para o jogo do Brasil contra o Chile pelas Eliminatórias custou R\$ 250,00, mais de ¼ do salário mínimo do brasileiro<sup>10</sup>.

Os recursos oriundos das taxas de inscrição, transferências e licenciamento são referentes às cobranças que a CBF faz dos clubes para participação em competições, o registro dos jogadores ou licenciamento de algum produto ou marca. Ao todo foram cerca de R\$ 70 milhões, ou seja, 2,2% do total arrecadado pela entidade no período em análise.

No que se refere aos recursos eventuais apesar de significar ao longo do período (2012 a 2017) R\$ 77, 4 milhões, ou seja, quase 3%, não é dito nas notas explicativas do balanço da CBF a origem dessa receita. Sobre isso é importante mencionar que os balanços dos últimos quatro anos possuem informações mais detalhadas do que em relação aos outros anos, porém, algumas rubricas ainda estão de forma generalista, sem detalhamento. Esse é o caso das receitas “eventuais” que estão presentes em todos os anos, mas impossível de identificar de fato a sua linhagem.

Até o momento falamos apenas das fontes de receita bruta da CBF, mas a entidade também atua com aplicações financeiras, o que já significam 4,5% da arrecadação total da entidade. Um percentual superior àquele obtido com Taxas de inscrição, Licença e Transferências e Eventuais na receita bruta. Ou seja, a atuação no mercado financeiro significa a quarta principal fonte de receita da entidade, sendo mais da metade do que arrecada com bilheteria e premiação.

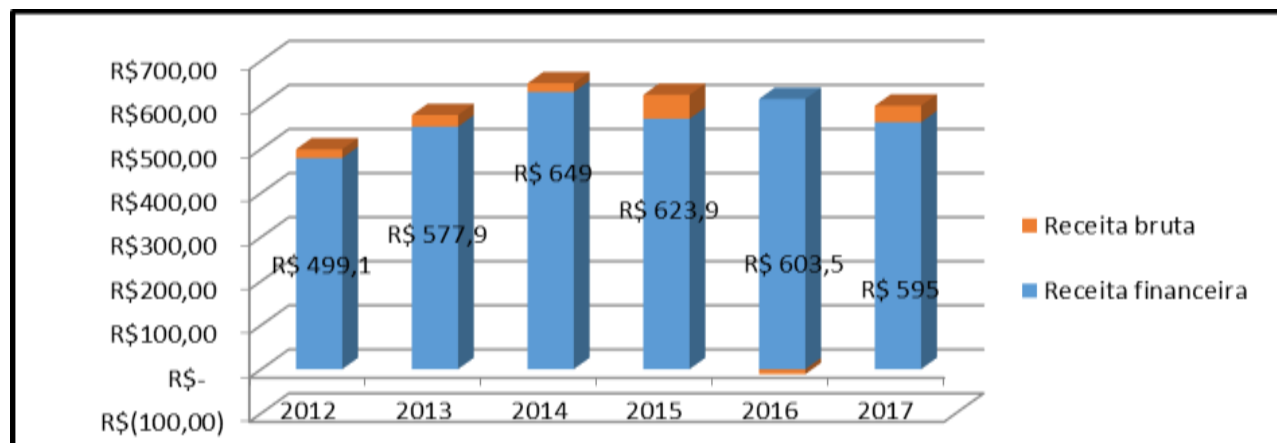
Ao longo de 2012 a 2017 foi apenas em 2016 que as despesas financeiras e a variação cambial fecharam com saldo negativo, cerca de R\$ 11 milhões; porém, no acumulado, o saldo é positivo, com um total de R\$ 147, 9 milhões, uma média de R\$ 24 milhões ao ano, com um pico em 2014 de R\$ 54,7 milhões.

Ação exitosa da CBF no universo do capital *fictício* amplia o montante arrecadado pela instituição, entretanto, fica subordinada às oscilações do mercado. Essa é uma receita em que a entidade não possui previsibilidade, ou seja, sem qualquer possibilidade de planejamento.

Ressalta-se que a busca por receitas com movimentações financeiras já revela o caráter dúbio da CBF. Essa ação por si só demonstra que, apesar de ser legalmente uma entidade sem fins lucrativos, a atuação junto às instituições bancárias e financeiras coloca a entidade na mesma situação de diversas empresas que procuram neste segmento obter mais dinheiro e, consequentemente, lucro.

Entre 2012 e 2017 a arrecadação total da CBF chegou a R\$ 3,4 bilhões, uma média anual de R\$ 591,4 milhões. Isso considerando a receita bruta e a receita de movimentação financeira, sendo que o maior pico positivo ocorreu em 2014 com uma arrecadação de R\$ 649 milhões e o menor do período foi em 2012 com R\$ 499,1 milhões.

**Gráfico 2:** volume total da arrecadação da CBF no período de 2012 a 2017 em milhões de R\$.



Fonte: Demonstrações financeiras da CBF. Elaboração do autor (2018).

Os valores disponíveis no gráfico são referentes ao total arrecadado em cada ano com a receita bruta e a receita financeira. Desse modo, observa-se que houve um crescimento contínuo na arrecadação da CBF entre 2013 e 2014 e uma queda de 2015 a 2017, porém, as quedas não significaram a volta aos patamares dos anos 2012 e 2013.



No que se refere apenas à receita bruta, na última década em apenas três anos a entidade arrecadou menos do que o ano anterior- 2012, 2015 e 2017. Além disso, vale registrar que a receita da entidade em 20 anos aumentou em R\$ 510,4 milhões, o que significa um crescimento de pouco mais de 6 vezes do que a entidade arrecadava em 1997<sup>3</sup>.

Nota-se que, após um aumento de 23% em 2011, em 2012 a queda foi de 6,9% e, nos dois anos seguintes a entidade somou um aumento de 13% em 2013 e 12,6% em 2014. Após a Copa do Mundo as contas voltaram a oscilar e, em 2015, houve uma queda de quase 10%, com um novo aumento em 2016 de 7,4% e na sequência uma diminuição de 8,7%, em 2017.

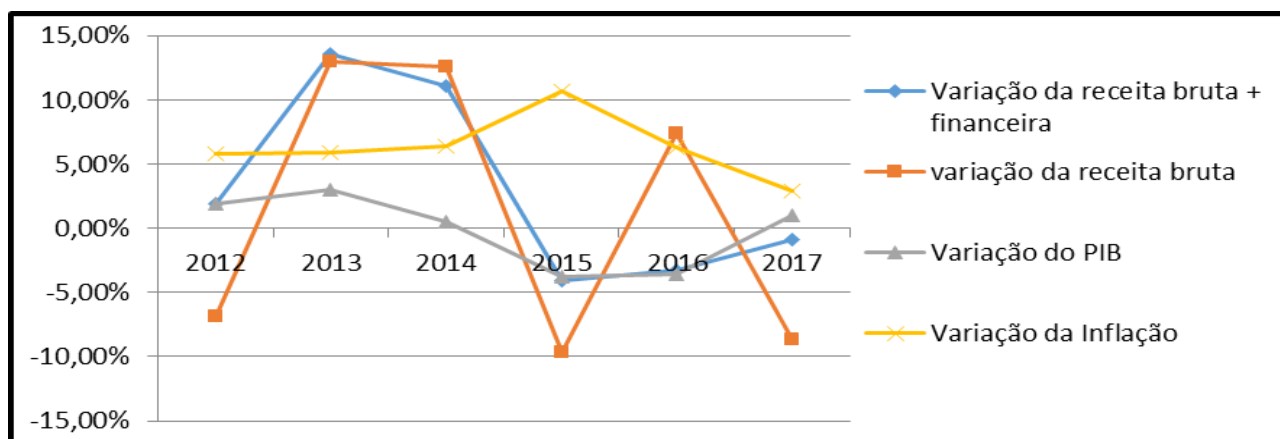
A CBF<sup>11</sup> afirmou que a diminuição no percentual da arrecadação bruta em 2015 ocorreu porque em 2014 a entidade teve um aumento de receita “anormal” considerando a realização da Copa do Mundo no Brasil; Já em 2017 ocorreu em decorrência da “baixa cotação das moedas estrangeiras, tendo em vista que, de acordo com as regras contábeis, patrocínios são provisionados para o exercício corrente de acordo com a cotação do primeiro dia útil do ano” (p.4)<sup>12</sup>. No que se refere a 2012, a justificativa é a mesma de 2017, no entanto, é importante lembrar que esse ano foi também de turbulências para CBF com a saída de Ricardo Teixeira.

Registra-se que em 2012 e 2015 houve diminuição na arrecadação com patrocínio e bilheteria, isso aconteceu motivado pelos casos de corrupção que afastaram as empresas da CBF e pelo número menor de jogos da seleção no ano. Já em 2017 a queda ocorreu nessas fontes e também no valor dos direitos de transmissão. Ressalta-se que, provavelmente, ainda repercutem nas finanças da entidade os escândalos de corrupção que envolvem seus dirigentes, mas logo serão superados tendo em vista o poder econômico e imagético da marca “seleção brasileira”.

Quanto às receitas financeiras, ficam evidentes as oscilações, com o maior pico positivo em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, inclusive esse foi o ano que a entidade teve a maior arrecadação total. O menor percentual foi em 2016 quando o saldo foi negativo.

Percentualmente temos os seguintes dados acerca do crescimento da receita total: em 2012 o crescimento foi de 1,9%, seguido em 2013 de 13,6% e, em 2014, de 11,1%, em 2015 a queda foi de 4,1%, em 2016 foi de 3,3% e fechou 2017 com uma diminuição de 0,9%. O gráfico 26 apresenta a evolução dos percentuais de crescimento da arrecadação da CBF, bem como os percentuais do mesmo período ano a ano do PIB e da inflação.

**Gráfico 3:** receita bruta + receita financeira e receita bruta em relação ao PIB e a Inflação.



Fonte: Demonstrativos financeiros da CBF; IBGE; Ministério da Fazenda. Elaboração do autor (2018).

O pior ano para a CBF também é aquele de pior índice do PIB brasileiro e da inflação. Em 2015 o PIB ficou em 3,8% negativo e o acumulado da inflação foi de 10,7%, a receita total da CBF ficou no vermelho 4,1% em relação a 2014 e a receita bruta 9,7% negativa. Em 2017, outro ano ruim para a entidade, a receita financeira voltou a crescer, justamente no contexto de ajuste econômico, de baixa dos juros, de controle da inflação, de cortes de gastos sociais e de retorno do crescimento do PIB. Porém, após o crescimento em 2016 a entidade teve uma nova queda na receita bruta em 2017, motivado principalmente pela perda de quase R\$ 60 milhões em patrocínio e R\$ 22 milhões na comercialização dos direitos de TV. A justificativa para o percentual menor em 2012, ano de saída de Ricardo Teixeira, foi também a retração na arrecadação com patrocínio.

Observa-se que a situação econômica do país impactou as contas da CBF, as oscilações na economia e a instabilidade política também influenciaram as finanças da entidade máxima do futebol brasileiro. Sobre isso, é importante registrar que depois de um período de “bonança” nas contas públicas, o Brasil, a partir de 2011, sentiu com mais força as mudanças na economia mundial, o segundo momento da crise internacional de 2008/2009 influenciou diretamente o quadro econômico negativo atual do país. Além disso, somam-se as alterações na política econômica nacional, com ampliação dos gastos tributários, a diminuição na venda das *commodities* e da arrecadação, o aumento do déficit público, do desemprego, dos juros, da inflação e a queda do PIB. Além disso, é importante mencionar a instabilidade jurídica e política existente no Brasil a partir da Operação Lava Jato e do golpe parlamentar-jurídico-midiático de 2016.

Mas, para além das questões políticas e econômicas do Brasil, alguns fatores internos ao futebol também influenciaram na oscilação das receitas da CBF. Nesse sentido, destacam os resultados negativos em campo da seleção brasileira em 2014, as denúncias de corrupção referentes aos três ex-presidentes da entidade e a saída de patrocinadores em 2015.

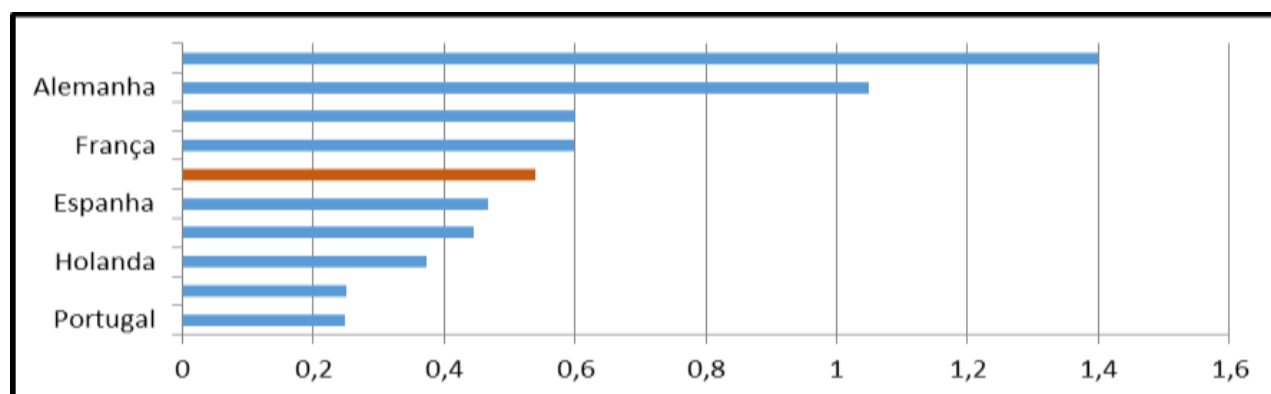
Nos últimos dois anos a situação não ficou pior por causa do peso no mercado da marca seleção brasileira e os bons resultados nas eliminatórias do time comandado por Tite. Observa-se

que apesar dos problemas na gestão da CBF houve uma “blindagem” à marca seleção brasileira por parte da entidade e da imprensa, o que permitiu a atração de novos parceiros.

Registra-se que, mesmo com as oscilações no crescimento das receitas da entidade, o montante arrecadado pela CBF nesse período representou cerca de 10% a 15% daquilo que a FIFA conseguiu no mesmo recorte histórico. No caso da FIFA, é importante ressaltar que o ano de Copa do Mundo é uma excepcionalidade já que a receita da entidade dobra. Portanto, nos outros anos o percentual da associação nacional brasileira é um número expressivo tendo em vista que a FIFA possui o monopólio da modalidade no mundo e o controle do principal megaevento.

A dimensão do tamanho da arrecadação da CBF pode ser mais bem analisada ao comparar com outras associações nacionais, afinal, ambas possuem as mesmas finalidades. Nesse sentido, percebe-se a potência que é a marca “seleção brasileira”, que mesmo em uma economia periférica, com uma moeda de menor valor cambial deixa a CBF entre as cinco entidades que mais conseguem recursos no mercado, muito próxima da França (4<sup>a</sup>) e Itália (3<sup>a</sup>) e a frente da federação espanhola (6<sup>a</sup>).

**Gráfico 4:** comparação da arrecadação bruta das associações nacionais em 2017 em bilhões de reais.

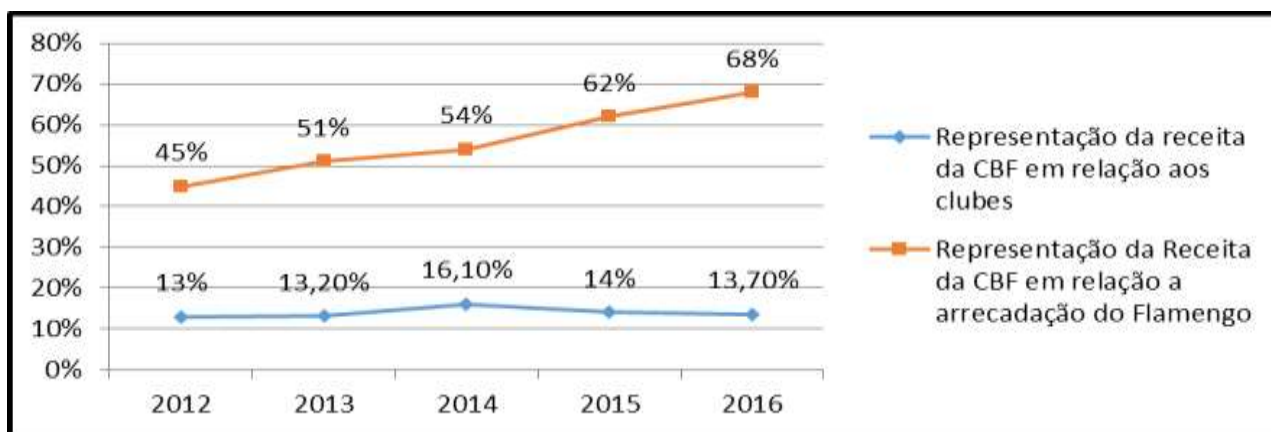


Fonte: <https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clubes/noticia/2018/06/cbf-fatura-alto-com-selecao-brasileira-eis-de-onde-vem-e-para-onde-vai-o-dinheiro.html>. Elaboração do autor (2018).

Rodrigo Campelo, repórter da revista Época, ao estabelecer o paralelo entre as associações nacionais ainda ressaltava que, além da moeda, algumas federações levam outras vantagens em relação a CBF. Ele cita o exemplo da inglesa que possui como uma importante fonte de renda o aluguel do estádio Wembley, que anualmente rende aproximadamente R\$ 240 milhões. “[...] A CBF não deve nada mesmo para federações mais ricas que ela. A diferença para a italiana FIGC e a francesa FFF tampouco parece grande se lembrarmos, de novo, que euro vale mais que real”<sup>13</sup>.

A CBF sozinha representou em 2017 um percentual de 12% do total daquilo que os 20 clubes da série A de 2018 e os 4 rebaixados em 2017 conseguiram de receitas naquele ano. O gráfico 5 demonstra o paralelo entre a receita da CBF e os clubes brasileiros e a mesma com o Flamengo, dono da maior arrecadação em 2017.

**Gráfico 5:** comparação entre arrecadação da CBF com 24 clubes do Brasil e individualmente com o Flamengo.



Fonte: Demonstrações financeiras da CBF e levantamento do Banco Itaú disponível em: <https://www.itaubba.com.br/itaubba-pt/noticias/itaubba-divulga-analise-economica-financeira-dos-clubes-de-futebol-brasileiros-2017>. Acesso em: 12 jun. 2018. Elaboração do autor (2018).

O Flamengo foi o clube brasileiro que mais arrecadou em 2017 e, mesmo com o crescimento das receitas da equipe e as oscilações na arrecadação da CBF, a diferença aumentou ao longo dos anos. No que se refere ao futebol europeu a receita bruta da CBF em 2017 equivale a  $\frac{1}{4}$  da arrecadação do Real Madrid ou do Barcelona e, se fosse um clube de futebol, seria a 25ª maior arrecadação do mundo.

A CBF em relação às suas irmãs, as confederações de esporte olímpico no Brasil, arrecada 57% de tudo que é movimentado pelo setor público e privado por meio das confederações<sup>14</sup>. A CBV, a segunda confederação que mais arrecada no Brasil de 2012 a 2017 conseguiu em média apenas 23% da receita da CBF, em 2017 foram somente 16%<sup>15</sup>.

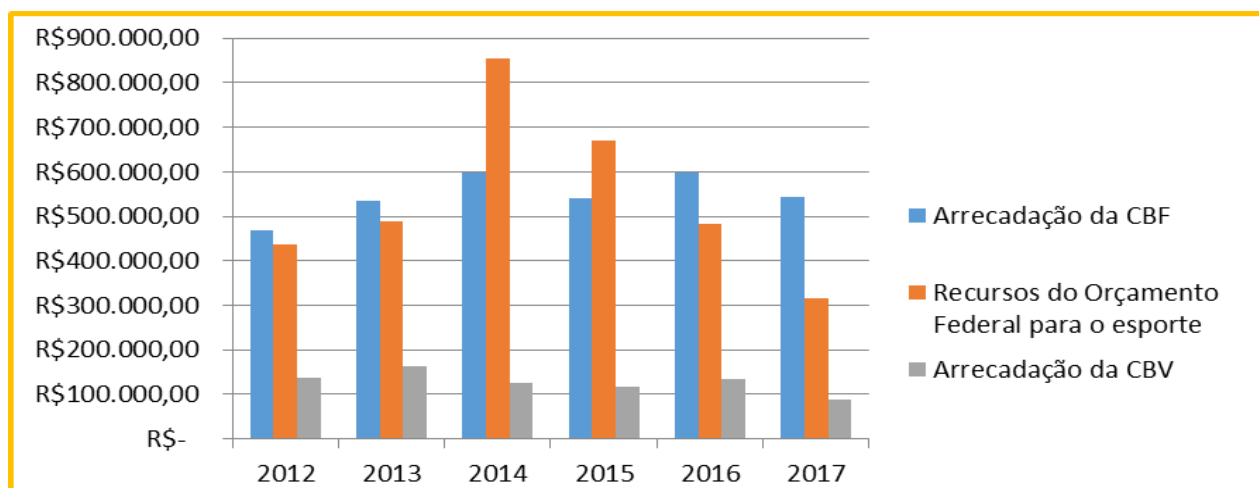
A discrepância entre o arrecadado pela CBF e as demais confederações impressiona, especialmente, porque as outras recebem recursos públicos (cerca de 50% do total) algo que não ocorre com a representante do futebol nacional. Assim, apesar das conquistas das seleções de voleibol nos últimos anos, tanto em ligas mundiais, Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, a “paixão nacional” pelo futebol fala mais alto no momento de as empresas associarem sua marca ao esporte.

Ainda no campo do esporte, observa-se que de 2012 a 2017 a CBF acumulou mais receita bruta do que o Governo Federal destinou a esse fenômeno no mesmo período por meio da fonte orçamentária<sup>16</sup>. Entre 2012 a 2017 a CBF arrecadou 1,1% a mais do que foi destinado via orçamento pela União ao esporte no Brasil. No que se refere aos recursos da fonte extra-orçamentária para o esporte, a arrecadação da CBF representa 76,2% e quanto aos gastos tributários o montante foi de 51,6%. Ao somar todo o recurso destinado ao esporte em âmbito federal a representação da receita da CBF é de 23,8%, ou seja, quase  $\frac{1}{4}$  de tudo que foi investido com recursos federais no esporte entre 2012 a 2017.

No que se refere às receitas extra-orçamentárias e os gastos tributários, a arrecadação da CBF somente foi maior em 2012 e 2017, justamente dois dos três anos em que a entidade teve uma

retração no percentual de receita bruta em relação aos anos anteriores. Já em relação à fonte orçamentária, o gráfico 6 demonstra que apenas em 2014 e 2015 que o governo destinou mais recursos do que a CBF conseguiu arrecadar. Em 2014 a entidade conseguiu a maior receita do período e em 2015 foi uma das piores.

**Gráfico 6:** relação entre a arrecadação bruta da CBF e a receita da CBV e o volume de recursos destinado pela União via orçamento.



Fonte: [www.transparenciaoporte.unb.br](http://www.transparenciaoporte.unb.br). Acesso em: 12 jun. 2018. Demonstrativos financeiros da CBF; Demonstrativos financeiros da CBV. Elaboração do autor (2018).

O paralelo da arrecadação bruta da CBF com o volume de recursos destinados pelo Governo Federal via orçamento para o esporte no país e também com as receitas da CBV de 2012 a 2017 confirma que a CBF de fato é uma grande “empresa”, que vende bem os seus produtos especialmente a “seleção brasileira”. Mas para onde foram os R\$ 3,4 bilhões arrecadados nesse período? Quais as ações prioritárias?

### 1- Destinação dos recursos da CBF

A CBF, desde 2014, divide em quatro categorias a aplicação dos recursos que arrecada: a) custos com futebol; b) despesas operacionais; c) despesas financeiras e variação cambial; d) outras despesas não operacionais. Na primeira categoria concentram os gastos com a Seleção principal, Seleções de base e femininas, contribuições ao fomento do futebol nos estados e competições. Na segunda, estão os custos com pessoal, despesas administrativas e impostos e taxas. A terceira é composta pelas despesas da movimentação financeira e a variação cambial, quando é negativa. Por fim, constam outras despesas não operacionais que a entidade não especifica a que se referem. Ressalta-se que ainda são descritas de forma separada as deduções e o imposto de renda e contribuição social.

Ao analisar os balanços financeiros percebe-se que a primeira categoria refere-se ao investimento direto que a entidade faz no futebol, ou seja, o gasto com as seleções, com a

organização e premiação com as competições e o repasse para as federações. No caso das Seleções inclui alimentação, passagem aérea, hospedagem deslocamentos de centros de treinamentos para hotéis e aeroportos. Os recursos destinados para competições cobrem além da premiação, os gastos com pessoal de apoio, arbitragem, exames *anti-doping*, transporte e hospedagens nos eventos promovidos pela CBF.

No campo dos gastos operacionais encontram-se o pagamento de recursos humanos, contratação de serviços jurídicos, de empresa de *marketing*, administração do prédio da entidade e o pagamento de taxas e impostos.

Por fim, estão as demais categorias que são decorrentes da movimentação financeira da entidade, o que acarreta despesas e em alguns anos perda com a variação cambial e também gastos eventuais com arrecadação, do operacional – deduções –, da movimentação financeira – despesas financeiras – e do imposto de renda e contribuição social sobre o total das receitas menos todas as despesas, ou seja: impostos, taxas e contribuições sociais.

Assim, ao analisar os dados de 2012 a 2017 dispostos nas categorias previamente estabelecidas pela CBF nota-se que de 2012 a 2014 a entidade privilegiou os gastos operacionais em detrimento ao que foi destinado ao futebol. Porém, ao somar todas as outras categorias com gastos operacionais, observa-se que apenas em 2017 a CBF aplicou mais recursos com “custos com futebol” do que as demais ações.

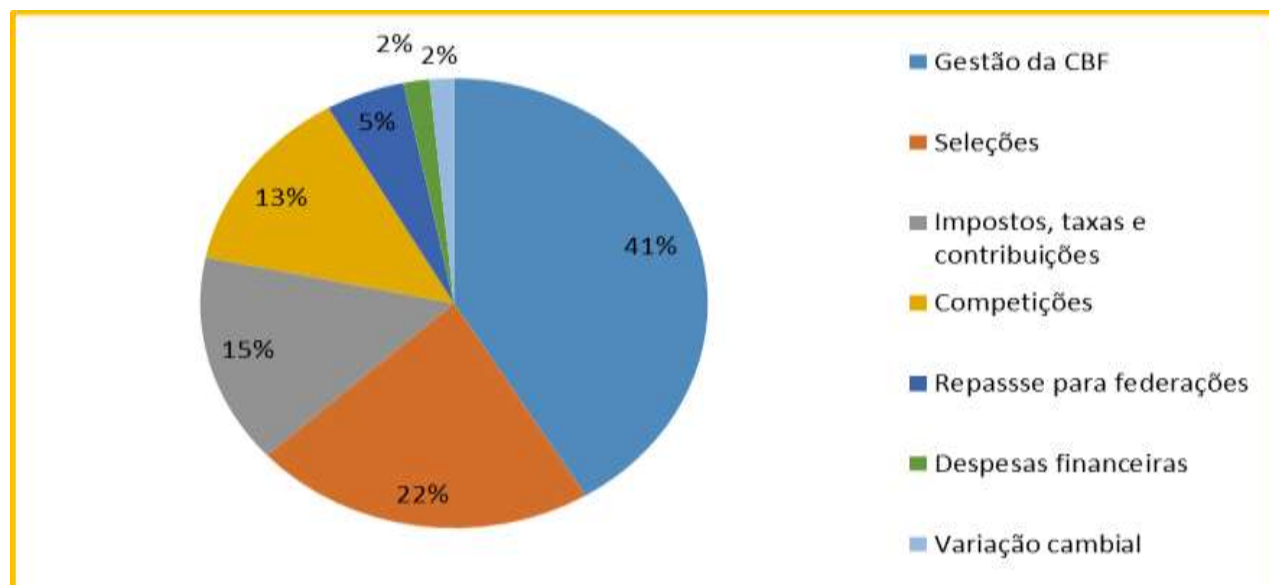
O valor gasto diretamente com futebol seria ainda menor se a CBF continuasse com o mesmo modelo de aplicação dos seus recursos que esteve vigente até 2013. Até esse ano a entidade considerava que a realização de competições e o gasto com federações sendo parte das “despesas operacionais” e não dos “custos com futebol”. O que evidencia que, de fato, essas ações não necessariamente significam o investimento direto no futebol, mas em atividade meio.

Diante da mudança de organização dos seus gastos nos balanços financeiros a partir de 2014 e para melhor organizar os dados conforme a função do gasto, por exemplo, reunir todas as despesas com taxas, impostos e contribuições sociais em apenas um bloco estabelecemos a partir daquilo que foi elaborado pela CBF, as seguintes categorias: a) gestão da CBF; b) seleções; c) impostos, taxas e contribuições sociais; d) competições; e) repasse para as federações; f) despesas financeiras; g) variação cambial.

Na categoria *Gestão* estão todos os recursos gastos com a administração da entidade, com sua sede e com a manutenção da Granja Comary. Quanto à categoria *Seleções* estão agrupados os recursos destinados à seleção principal masculina, feminina e as de base. A terceira categoria *Impostos, taxas e contribuições sociais* diz respeito a tudo que a CBF paga ao Governo como obrigações fiscais e tributárias. Os recursos destinados para *Competições* são os gastos com a organização do Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, Copa Verde, Copa do Nordeste entre outros

eventos. A sexta categoria são os repasses que a entidade faz para as 27 *Federações* estaduais de futebol. Por fim, estão as *Despesas financeiras* e a *Variação cambial* que são ações que ocorrem durante as movimentações financeiras. Nesse sentido, o gráfico 7 apresenta a distribuição do gasto no período em análise.

**Gráfico 7:** divisão percentual dos gastos da CBF entre 2012 e 2017 em milhões de R\$.



Fonte: Demonstrações financeiras da CBF. Elaboração do autor (2018).

No que se refere à gestão, somente em 2017 a entidade gastou R\$ 133,5 milhões com pagamento de pessoal, contratação de serviços de pessoa jurídica, terceiros e serviços de *marketing* e ativações. Outros R\$ 55 milhões foram gastos com a sede da entidade e com a manutenção da Granja Comary. Isso significa um gasto quase duas vezes maior do que aquele com Seleções ou com Competições. O gasto com os funcionários diretos da entidade é 65,4% superior do que a entidade investe anualmente com a seleção feminina e as seleções de base.

O gasto da CBF com gestão é o mesmo percentual que o Governo Federal usa para manter toda a sua máquina funcionando. No caso da União, em 2017 foram 41,8%, sendo que o limite do gasto com pessoal é de 50%<sup>17</sup>. Entretanto, diferentemente do Estado, que precisa de pessoal no sistema de saúde, na educação federal pública, nas forças de segurança, entre outros serviços que são deveres constitucionais da União, a tarefa da CBF é bem mais enxuta, porém, o volume de recursos destinado para pessoa e administração de sua sede destoa de todas as demais ações.

Outra comparação para reforçar a dimensão do que é destinado à manutenção da entidade é que o gasto com gestão representa 37% da receita do Flamengo em 2017, algo superior ao valor da comercialização dos direitos de transmissão com a Globo no ano (33%) ou quase o dobro do que o rubro-negro conseguiu de receitas com bilheteria e sócio-torcedor (20%)<sup>1</sup>.

No que se refere aos gastos com *Seleções*, registra-se que a seleção principal masculina é contemplada com 65% de todo o recurso destinado para essa categoria. As seleções femininas e de

base somam, apenas, 35%. O que a CBF gastou em 2016 e 2017 com os seus funcionários é superior ao investimento feito na seleção feminina e na categoria de base nos últimos seis anos.

O terceiro principal destino das receitas da entidade são os dividendos tributários. Ao longo dos últimos seis anos foram pagos com impostos, taxas e contribuições, em média, R\$ 70 milhões por ano. O valor é semelhante ao gasto anual da CBF com os seus funcionários. A principal despesa nessa categoria são as deduções da receita (COFINS).

As competições organizadas pela CBF representam apenas 13% da sua arrecadação. Os gastos estão concentrados nas séries C e D do campeonato brasileiro masculino. No intervalo de 2012 a 2017 significou 79% do gasto com competições. Porém, ao somar com o valor destinado à série B, chega-se ao impressionante percentual de 99% da receita com competições. Para os clubes dessas divisões a CBF paga hospedagem, transporte, alimentação, arbitragem entre outras coisas. Ao todo, são 108 equipes que atualmente disputam essas três divisões, porém, nem todos possuem o calendário de abril a dezembro, pois, no caso da série D a disputa é por grupos e mata-mata em cada fase são eliminados os piores classificados ou os perdedores.

Os eventos regionais, femininos, das categorias de base e a Copa do Brasil dividem entre eles o 1% dos recursos gastos com as competições. Um percentual pequeno para atender uma demanda grande de clubes profissionais existentes no país, bem como para desenvolver o futebol feminino e fortalecer as categorias de base dos clubes.

A transferência de receitas da CBF para as federações ou como a entidade denomina de “contribuição ao fomento do futebol nos estados” representou 5% do gasto total de 2012 a 2017. O valor médio repassado para as federações por ano foi de R\$ 23 milhões. A divisão do montante entre as federações é igualitária e não atende aos anseios nem das federações mais “pobres” e nem das mais “ricas”. “Algumas federações menores reivindicam um valor maior. “[...] Por outro lado, algumas federações maiores pensam exatamente o contrário. Por terem mais despesas, entendem que deveriam ganhar mais”<sup>18</sup>.

Em 2016 e 2017, por exemplo, foram R\$ 975 mil para cada entidade estadual. Isso para 9 federações significou mais do que conseguiram arrecadar nesses anos. Em relação à federação alagoana o repasse da CBF foi de 60%. A situação mais grave foi da federação amapaense que passou esses dois anos praticamente com recursos da CBF<sup>19</sup>.

Ressalta-se que os recursos são direcionados para as federações sem qualquer “carimbo” do que deve ser feito. Assim, pode tanto ser utilizado para realizar competições e desenvolver projetos, como para despesas operacionais. Porém, pelo lado da CBF trata-se de um recurso que fideliza os dirigentes das federações a atender os interesses dos “cartolas” que comandam a entidade. Sem dúvida, a manutenção do poder na CBF passa pelos agrados aos dirigentes das federações, da

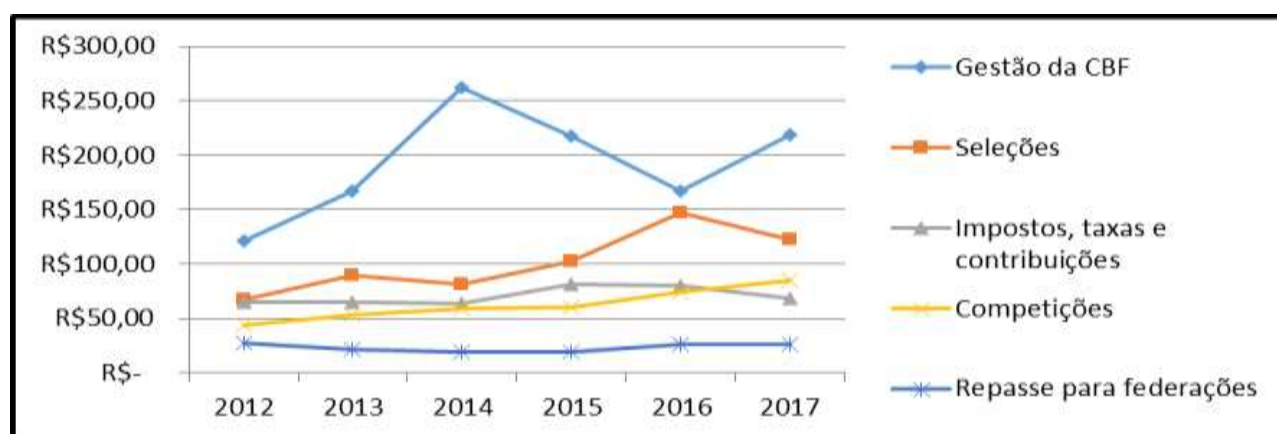


mesma forma, a boa relação daqueles que estão no comando do futebol nacional com os “cartolas” regionais fortalece os grupos políticos que controlam as entidades estaduais.

Por fim, ainda têm 4% dos recursos que são gastos ao longo do período em análise com as despesas com a aplicação financeira e as variações cambiais. O montante gasto com isso depende das movimentações da entidade e da variação cambial das moedas utilizadas pela CBF.

Para concluir a discussão sobre os gastos da CBF, observa-se que à medida que os recursos com gestão aumentam ocorre uma diminuição do investimento com as Seleções, sendo que, ao diminuir o gasto com a própria CBF, aumenta o dinheiro para aquela categoria.

**Gráfico 8:** evolução do gasto da CBF entre as principais ações.



Fonte: Demonstrações financeiras da CBF. Elaboração do autor (2018).

Em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, houve o maior aumento percentual da receita da CBF e, da mesma forma, foi também o ano em que a entidade mais gastou com *Gestão*. Nos dois anos seguintes houve uma queda, com novo aumento em 2017.

No que se refere aos gastos com *Impostos, taxas e contribuições sociais* e os *Repasses para as federações* mantiveram estáveis ao longo dos anos, com poucas e pequenas oscilações. No caso do primeiro, com um pequeno aumento em 2015 e depois com diminuição em sequência em 2016 e 2017. Já nos repasses para as federações, vê-se também leves quedas em 2013, 2014 e 2015 com aumento em 2016 e o mesmo percentual em 2017.

Quanto aos recursos destinados para as *Competições* nota-se que há um crescimento ininterrupto desde 2012, porém, esse aumento é modesto. Ele é motivado pela elevação anual dos valores aplicados na realização do campeonato brasileiro da série C e D.

Entretanto, a maior parte dos gastos está com a manutenção da própria entidade e uma pequena fatia é, de fato, aplicada na prática do futebol no país. O destino prioritário deveria ser a prática do futebol que é a atividade fim.

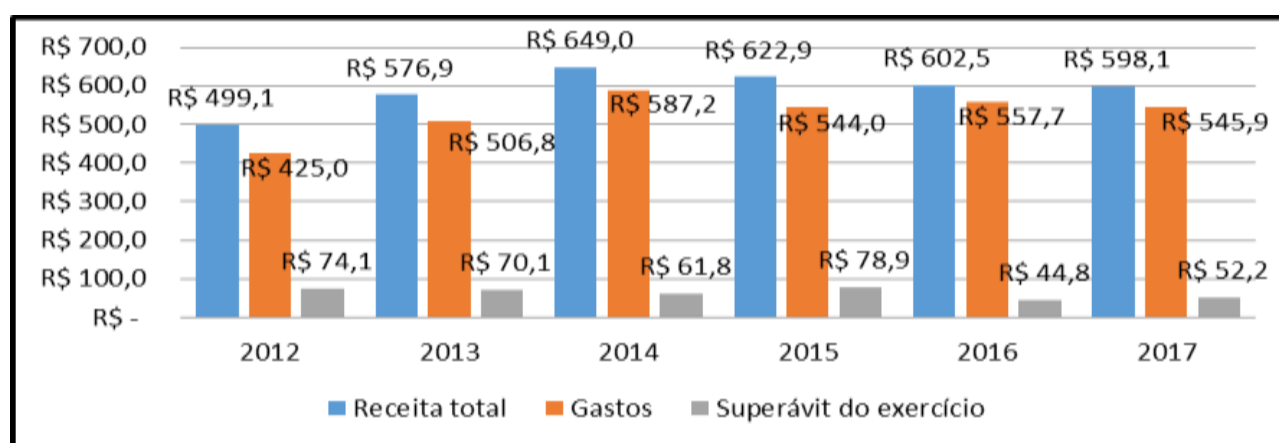
Ao observar a soma do gasto em todas as categorias ano a ano nota-se que a CBF aumentou as despesas no período de 2012 a 2014 e desde então o valor oscila, com queda em 2015, aumento

em 2016 e nova diminuição em 2017. Registra-se que foi somente em 2016 que a entidade teve uma redução na receita e um aumento dos gastos, nos demais anos, à medida que a arrecadação crescia ou diminuía, os gastos seguiam na mesma direção.

Entre 2012 e 2017 os menores percentuais de gastos em relação a receita total foram em 2012 com 85,2% e em 2015 com 87,4%. Os maiores foram em 2016 com 92,5% e 2017 com 91,1%. Como vimos anteriormente, 41% desses recursos foram para gestão da própria entidade.

O gráfico 9 apresenta a evolução das receitas, dos gastos e do lucro da CBF desde 2012. Assim, questiona-se se a entidade gasta muito ou o problema está na direção dos recursos arrecadados? Além disso, uma entidade sem fins lucrativos deve trabalhar para ter superávits ou toda a receita devia ser destinada às ações operacionais e finalísticas?

**Gráfico 9:** relação entre receita total, gastos e lucro da entidade de 2012 a 2017 em milhões de R\$.



Fonte: Demonstrações financeiras da CBF. Elaboração do autor (2018).

No que se refere à primeira questão lançada anteriormente e observando a evolução dos gastos da entidade, nota-se que aparentemente não é o volume gastos o problema, pois a CBF é uma entidade sem fins lucrativos e possui a missão de desenvolver o futebol no país. O problema central é que a maior parte dos gastos está com a manutenção da própria entidade e uma pequena fatia é de fato aplicada na prática do futebol no país. O destino prioritário deveria ser a prática do futebol que é a atividade fim. “Por outro lado, é correto esperar que a menor quantia possível seja gasta com custos administrativos, como funcionários de federações, manutenção de prédios, serviços prestados por terceiros”<sup>17</sup> - atividade meio.

Quanto à segunda questão, registra-se que desde 2006 a CBF não gasta mais do que arrecada, ou seja, há mais de uma década que a entidade conclui os exercícios financeiros com saldo em conta. Ela possui um resultado positivo bem maior do que o Governo Federal que desde 2014 convive com déficits. Nesse ano, por exemplo, o Brasil teve um déficit de 0,63% do PIB, a CBF teve um superávit de 9,5%. Em 2017 o Brasil continuou com as contas no negativo e fechou o ano com um déficit de 1,9% do PIB, já a CBF, com um superávit de 8,7%.

No caso do futebol brasileiro, enquanto federações e clubes ano após ano oscilam entre déficits e superávits, e no caso dos clubes com endividamento, com o Estado e bancos, a CBF mesmo com todos os escândalos de corrupção e afastamento de alguns patrocinadores consegue obter superávits.

Porém, a busca pelo superávit como fica explícito nas notas explicativas das demonstrações financeiras da entidade. É uma contradição, tendo em vista que a CBF é uma entidade sem fins lucrativos. Além disso, parece um contrassenso ao observar a realidade do futebol regional das federações e dos pequenos clubes profissionais que não possuem calendário para manter suas atividades.

Caso fosse uma empresa, sem dúvida, a ação no mercado da CBF seria exitosa e poderia ser ainda melhor com aplicação dos recursos nas atividades-meio com mais eficiência, porém, enquanto uma entidade que deve fomentar o futebol nacional questiona-se se de fato o lucro deve ser a meta.

Isso ganha mais relevo ao observamos o volume de recursos que a entidade possui em caixa ou em aplicação financeira, em 2013 era R\$ 85,8 milhões e em 2017 saltou para R\$ 360, 8 milhões. A presença no mercado financeiro confirma a prática de constituir reservas para possíveis momentos de turbulências nas contas da entidade, agravadas pela política e a economia nacional e internacional. Porém, notamos que, apesar das turbulências políticas e econômicas do país, as contas da CBF não sofreram grandes impactos. Afinal, mesmo no país com uma grave crise econômica, as receitas da CBF oscilaram, mas a entidade continuou obtendo lucro.

Portanto, o modelo de negócios da CBF nos últimos anos é eficiente dentro do padrão de negócios dos seus dirigentes, pois, consegue obter elevadas receitas, gasta bastante com a própria instituição, especialmente com seus altos funcionários e ainda consegue obter lucros e elevar o montante guardado em caixa ou aplicado no mercado financeiro. Porém, a entidade como representante do principal fenômeno esportivo do país, que utiliza sua bandeira, hino e símbolos “[...] os recursos devem retornar ao futebol brasileiro como estímulo ao seu desenvolvimento e aprimoramento, beneficiando atletas, clubes e a comunidade, na medida em que incentiva o esporte e lazer”(p. 157)<sup>3</sup>.

Apesar dessa obrigação estatutária não é isso que ocorre dentro do “padrão” de negócios da entidade que ainda possui como característica práticas indevidas de apropriação por parte dos “cartolas” e empresários de recursos que deveriam ser destinados ao futebol. A CPI do futebol de 2015 identificou 5 formas de fraudes nas contas da entidade: a) nos contratos de fornecimento de bens e serviços; b) nos contratos de patrocínio; c) nos contratos de *marketing*; d) nos contratos de venda dos amistosos da seleção; e, nos atos jurídicos regulamentados e controlados pela CBF.

O *modus operandi* de todas as operações pode ser resumido de duas formas: a) os recursos saem da conta da CBF para empresas de bens e serviços, dali vão para um emissário da entidade, no

Brasil ou fora e depois são encaminhados para as contas dos “cartolas” e intermediários; b) A CBF recebe por meio de empresas intermediárias o valor contratado dos parceiros do mercado, porém, outra parcela é enviada aos emissários de dirigentes que posteriormente entregam o dinheiro. “Semelhantes a outras organizações voltadas para o crime e usando modelos de modernas máfias, a CBF e seus braços operacionais de corrupção estão estruturalmente caracterizados pela divisão de tarefas, com núcleos diretivo, econômico, financeiro e político [...]” (p. 148)<sup>2</sup>.

O relatório paralelo da CPI apresentado pelo Senador Romário Faria (Podemos) e Randolfe Rodrigues (Rede), não aprovado pelo plenário da CPI, tendo em vista a pressão exercida por cartolas ligados a CBF aos parlamentares, demonstrou a existência de superfaturamento na aquisição da sede da CBF, fraudes nos registros de jogadores, crimes financeiros na parceria da CBF com o Grupo Águia, que possui Wagner Abrahão, que atua como intermediário de diversos atletas no futebol brasileiro, irregularidades e ilícitos do Comitê Organizador da Copa e os gastos da Copa entre outros achados da CPI do Futebol.

Como conclusão, o relatório paralelo da CPI pediu o indiciamento dos três ex-presidentes da CBF entre as acusações estão crimes contra a ordem tributária, contra o sistema financeiro, lavagem de dinheiro, organização criminosa, financiamento não declarado de campanhas eleitorais entre outros. Além deles, foi pedido o indiciamento de outros diretores da CBF e dos empresários, intermediários, Kleber Leite e o falecido José Hawilla<sup>2</sup>.

Observa-se, portanto, que o negócio exitoso da CBF, respaldada pelos números e também pelas conquistas da seleção nacional, está diretamente associado às ações que beneficiam os seus dirigentes e parceiros.

### **Considerações finais**

A CBF é a entidade responsável pelo futebol profissional e não profissional no Brasil. Ela surge em 1989 a partir da extinção da CBD. Ao longo do tempo é visível a relação mantida entre os seus dirigentes e os atores políticos, inicialmente ligados diretamente com o Poder Executivo e posteriormente com o Poder Legislativo. Além disso, nota-se a formação de blocos de poder que controlaram a antiga CBD e mais recentemente a CBF por diversos anos, com pouca alternância e participação da sociedade civil nas suas decisões.

No que se refere aos aspectos econômicos, não resta dúvida que as dificuldades financeiras da CBD e, posteriormente, da CBF é algo do passado. A CBF desde meados da década de 1990, mas especialmente durante os anos 2000, acumula superávits, sobretudo, oriundo de patrocínios. A entidade é proprietária de uma das marcas mais valiosas do mercado mundial, cobiçada por grandes empresas multinacionais que procura colar a sua imagem a seleção brasileira.

Assim, apesar das oscilações em alguns anos, a CBF acumula por mais de 10 anos consecutivos superávits, sendo que os piores anos de arrecadação também são aqueles em que o país teve os menores PIBs. Ela entre todas as confederações nacionais de futebol está entre as cinco que mais arrecadam no mundo. Além disso, arrecada quase 60% de tudo que é movimentado entre as confederações esportivas do Brasil.

No que se refere a destinação dos recursos da arrecadação observa-se a centralização deles na gestão da própria entidade, em contraponto ao que deveria ocorrer com mais recursos para o desenvolvimento da modalidade.

Desse modo, não aparece coincidência a existência de um cenário de constantes déficits e endividamentos das federações estaduais e dos clubes. Um paradoxo que deve ser explorado em outros estudos sobre a administração do futebol.

Por fim, diante do sinalizado anteriormente, da escassez de estudos sobre a CBF e principalmente pela importância do futebol no Brasil, apontamos que é necessário que a área da Educação Física possa realizar novos estudos sobre a entidade máxima desse esporte, bem como, acerca das federações estaduais e dos clubes.

## Referências

- 1- Matias WB. Economia política do futebol e o “lugar” do Brasil no mercado-mundo da bola. Brasília; 2018. [Tese de doutorado - Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília].
- 2- Faria R. Um olho na bola, outro no cartola: o crime organizado no futebol brasileiro. São Paulo: Ed. Planeta; 2017.
- 3- Rebelo A, Torres S. CBF-Nike: as investigações da CPI do futebol da câmara dos deputados desvendam o lado oculto dos grandes negócios da cartolagem e passam a limpo o futebol brasileiro. São Paulo: Ed. Casa Amarela; 2001.
- 4- Minayo MCS, Deslandes SF, NETO, OC. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- 5- Campelo R. As finanças do futebol pioram em 2017: clubes brasileiros faturam menos e devem mais. Revista Época, 2018.
- 6- Confederação Brasileira de Futebol. Balanço da Confederação Brasileira de Futebol. Endereço: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional/balancos-cbf/balanco-da-confederacao-brasileira-de-futebol>. Acesso em: 13/06/2018.
- 7- Itaú BBA. Análise econômico-financeira dos clubes de futebol brasileiros/2018. Endereço: [https://www.itaubba.com.br/arquivosstaticos/itaubba/Analise\\_Clubes\\_Brasileiros\\_Futebol\\_Ita%C3%BA\\_BBA.pdf](https://www.itaubba.com.br/arquivosstaticos/itaubba/Analise_Clubes_Brasileiros_Futebol_Ita%C3%BA_BBA.pdf). Acesso em: 10/06/2018

- 8- Sarmiento CE. A regra do jogo: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC; 2006.
- 9- [Anonymus]. Pós-7 a 1 e debandada de parceiros de patrocínios da CBF cai pela primeira vez em 10 anos. ESPN, São Paulo, 2016.
- 10- [Anonymus]. CBF sobe valor de ingressos para jogo da seleção em SP e encara críticas. Uol Esporte. São Paulo, 2017.
- 11- Confederação Brasileira de Futebol. Balanço da Confederação Brasileira de Futebol. Endereço: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201604/20160429160537\\_0.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201604/20160429160537_0.pdf). Acesso em: 13/06/2018.
- 12- Confederação Brasileira de Futebol. Balanço da Confederação Brasileira de Futebol. Endereço: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201804/20180430162832\\_0.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201804/20180430162832_0.pdf). Acesso em: 13/06/2018.
- 13- Campelo R. CBF fatura alto com seleção brasileira eis de onde vem e para onde vai o dinheiro. Revista Época. São Paulo, 2018.
- 14- Campelo R. O país do futebol: CBF concentra 57 de todo o dinheiro olímpico no Brasil. Revista Época, 2018.
- 15- Confederação Brasileira do Voleibol. Demonstrações financeiras-Balanço. Endereço: <http://2017.cbv.com.br/governanca/index.php/resultados-financeiros/demonstracoes-financeiras>. Acesso em: 30/07/2018.
- 16- Mascarenhas FA. O orçamento do esporte: aspectos da atuação estatal de FHC a Dilma. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, 2016; 30:963-80.
- 17- [Anonymus]. Gasto do governo com pessoal em 2017 se aproxima do teto e o maior desde a criação da lei de responsabilidade fiscal, 2018.
- 18- Gabardo E, Oliveira R. Coronéis do futebol: parte 2. Rádio Gaúcha. Rio Grande do Sul, 2015.
- 19- Confederação Brasileira de Futebol. Federações. Endereço: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/institucional/balancos-federacoes#.WyGh4O4vzIW>. Acesso em: 13 jun. 2018.